

N. CLASS. M370
CUTTER E79P
ANO/EDIÇÃO 2015

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG

PEDAGOGIA

ALINE APARECIDA ESTEVAM

OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E AUTONOMIA DAS
CRIANÇAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Varginha
2015

FEPESMIG

Registro: 153316
Data: 11/09/15

ALINE APARECIDA ESTEVAM

**OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E AUTONOMIA DAS
CRIANÇAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Orientador: Prof. Ma. Maria de Fatima Monnerat Cruz Chaves


**Varginha
2015**

ALINE APARECIDA ESTEVAM

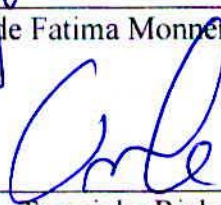
**OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E AUTONOMIA DAS
CRIANÇAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do
Centro Universitário do Sul de Minas- UNIS/MG, como
pré requisito para obtenção do grau de Licenciatura,
pela Banca Examinadora composta pelos membros.

Aprovado em: 22/06/2015



Prof. Ma. Maria de Fatima Monnerat Cruz Chaves



Prof. Dra. Terezinha Richartz Santana



Prof. Wanderson Vitor Boareto

OBS.:

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre estiveram do meu lado me apoiando e me incentivando, na realização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me capacitou a cada momento e não me deixou desistir, pela fé e coragem que ele me deu. Agradeço aos meus pais pela confiança e esforços investidos.

“Sem sonhos, a vida não tem brilho. Sem metas, os sonhos não têm alicerces. Sem prioridades, os sonhos não se tornam reais. Sonhe, trace metas, estabeleça prioridades e corra riscos para executar seus sonhos. Melhor é errar por tentar do que errar por omitir!”
(Augusto Cury)

RESUMO

Este trabalho aborda os processos de construção de identidade e autonomia das crianças da educação infantil. Tal abordagem é devido ao fato de observar crianças que mesmo ainda muito pequenas, são capazes de resolver conflitos encontrados em seu dia a dia e também ao fato de identificar a criança com o meio em que a criança está inserida. O objetivo deste trabalho é pesquisar sobre os processos do desenvolvimento da identidade e a conquista da autonomia na educação infantil, assim como suas contribuições para a formação do indivíduo. Este intento será conseguido através da revisão bibliográfica. A pesquisa evidenciou que são vários os processos que contribuem para a construção da identidade e conquista da autonomia das crianças da educação infantil e que tudo acontece de forma gradativa, sendo influenciada pelos diversos fatores externos rodeiam a criança.

Palavras-chaves: Identidade. Autonomia. Processo Construção.

ABSTRACT

This article focuses on identity construction processes and autonomy of children in early childhood education. This approach is due to the fact in my first stage had the opportunity to work in a kindergarten room, where it was perceived that children even if still very small, are capable of resolving conflicts that are found in your day-to-day. As well as identifying with the environment in which it operates, thus arousing my interest in research on the subject. The objective of this work is to research on development processes identity and achievement of autonomy in early childhood education, as well as their contributions to the formation of the individual. This purpose is achieved through the literature review. The research showed that there are several processes that contribute to the construction of identity and achievement of children's autonomy of early childhood education, that everything happens gradually, it is influenced by many external factors where the child is inserted.

Key words: *Identity. Autonomy. Construction process.*

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE E AUTONOMIA.....	11
3 PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO.....	16
3.1 Jean Piaget e o desenvolvimento da identidade e autonomia	16
3.2 Lev Vygotsky e a construção da identidade e conquista da autonomia.....	19
3.3 Expressões da Sexualidade.....	20
3.4 Imitação.....	22
3.5 O ato de brincar.....	23
3.6 Oposição e linguagem.....	23
4 PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE E AUTONOMIA DA CRIANÇA.....	25
5 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho descreve os processos de construção de identidade e autonomia das crianças da educação infantil, tendo como problema de pesquisa quais são os processos de construção de identidade e autonomia das crianças da educação infantil. Levando em consideração que é na infância que se inicia a formação do indivíduo é preciso reconhecer a importância do trabalho do desenvolvimento em tais processos. Trabalho este que pode propiciar a formação de um adulto autônomo, capaz de tomar suas decisões e que se identifique com o meio em que está inserido.

Tal abordagem se deve ao fato de que em meu estágio tive a oportunidade de atuar em uma sala de educação infantil. E um dos aspectos que chamam atenção é que as crianças ainda mesmo muito pequenas conseguem resolver, mesmo que a sua maneira, conflitos que são encontrados em seu dia a dia, além de se identificar como um ser pensante capaz de realizar escolhas e se conhecer como integrante diferenciado no mundo.

O objetivo deste trabalho é pesquisar sobre os processos do desenvolvimento da identidade e conquista da autonomia na educação infantil, assim como suas contribuições para a formação do indivíduo. Além de pesquisar sobre algumas experiências essenciais para a construção da identidade, conhecer a relação existente entre os processos de socialização e a construção da identidade e autonomia, reconhecer a importância do professor no processo e pesquisar as contribuições da Educação Infantil na formação do indivíduo.

Acredita-se que são vários os fatores que influenciam o desenvolvimento da identidade e da autonomia, que acontece de forma gradativa. Este intento será conseguido através da revisão bibliográfica. Que segundo Segundo Lakatos e Marconi (1987, p. 66)

A pesquisa bibliográfica trata do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado em livros, enciclopédias, revistas, jornais, folhetos, boletins, monografias, teses, dissertações [...]. Pretende-se, assim, colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo.

No primeiro capítulo será abordada toda a concepção de identidade e autonomia, suas definições e a importância do seu trabalho. A identidade infantil é construída através da relação que é estabelecida com o meio social. Primeiramente com o nome, que é o passo inicial para sua identificação, posteriormente com características físicas, que o diferem dos demais, seu modo de pensar, agir, preferências e gostos. A partir daí a criança internaliza ações que são concebidas culturalmente. A identidade não é algo imutável, mas sim flexível

que pode ser modificada de acordo com as variações sociais em que o indivíduo está inserido. São vários os fatores que influenciam a construção de autonomia da criança, onde ela percebe que as regras circunstancialmente podem ser questionadas e até mesmo mudadas, tornando-se capaz de tomar suas próprias decisões. Torna-se capaz de resolver situações cotidianas que são apresentadas fazendo uso do conhecimento já adquirido e descobrindo novos meios e métodos.

No segundo capítulo são enfatizadas as diferentes perspectivas e aspectos do desenvolvimento humano. Ao se falar do desenvolvimento da identidade e autonomia é importante citar as ideias defendidas por Jean Piaget que enfatiza fases de desenvolvimento que contribuem para esse assunto, denominadas sensório-motor, onde as crianças iniciam os primeiros contatos com o mundo exterior. O pré-operatório, fase em que acontece o aparecimento da linguagem, o das operações concretas, em que se iniciam as atitudes mais lógicas e elaboradas e por fim as operações formais, onde o concreto já não se faz mais necessário para realizar as ações.

Lev Vygotsky aponta níveis de desenvolvimento, um que ele chama de real e outro de potencial. O nível de desenvolvimento real é aquele onde a criança consegue realizar determinadas tarefas sozinha, sem a ajuda de terceiros, sendo assim ela já alcançou um determinado nível de desenvolvimento. Este marco é muito importante para a criança, pois ela percebe a sua real capacidade, conquistando uma certa autonomia. Existem situações cotidianas vivenciadas pelas crianças que auxiliam de maneira significativa esse progresso. Tais como sexualidade, que permite à criança reconhecer o seu corpo, contribuindo para a construção de sua identidade, a imitação que é a primeira forma de expressão que a criança possui e demonstra a capacidade de observar e aprender com os outros. O brincar que é de grande importância para o desenvolvimento da identidade e autonomia, pois a partir dele a criança tem a oportunidade de se expressar e até mesmo dramatizar suas vivências e sentimentos. A oposição que significa uma constante afirmação do eu. E por último, a linguagem que é um grande facilitador para a socialização.

O terceiro capítulo aborda a importância do professor no desenvolvimento da identidade e conquista da autonomia. O professor tem função significativa na formação do aluno. Ao assumir tal responsabilidade o educador deve ser facilitador do processo de aprendizagem disponibilizando ferramentas adequadas, ouvindo seu aluno, estimulando sua interação com o meio para que possa construir sua identidade e conquistar sua autonomia através de saberes significativos.

2 CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE E AUTONOMIA

É de grande importância trabalhar o desenvolvimento da identidade e autonomia na educação infantil, pois é nesta fase que a criança se encontra em plena formação do seu ser. Sendo assim é importante identificar em quais momentos este desenvolvimento é realizado, qual a sua importância para a formação do indivíduo e quais suas concepções.

Um primeiro aspecto importante a ser tratado são as diversas concepções de identidade e autonomia. São poucas as pesquisas relacionadas à identidade do aluno e o educador, diariamente, está sujeito a encontrar situações que envolvem essa questão, a qual sempre está ligada em como o aluno se vê, ou se identifica com professores, colegas, familiares entre outros, podendo acontecer de forma positiva ou negativa. Segundo o dicionário, *Vocabulário da Psicanálise*, identidade pode ser definida como:

Processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações. (LAPLANCHE; PRONTALIS, 1970, p.295)

Nogueira (2001) destaca que entre os pesquisadores da área educacional que estudam esse tema, as discussões têm se concentrado em torno das teorias que abordam a noção de autoconceito, autoimagem e autoestima do educando. São realizadas pesquisas em torno da identidade do aluno, abordando o autoconceito que diz respeito a como a criança se define, a autoimagem como se vê e a autoestima de como se sente. A partir daí ela internaliza ações que são concebidas culturalmente.

Segundo o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998), identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, modos de agir e de pensar e da história pessoal. Sendo assim a identidade está diretamente ligada ao modo como a criança se posiciona no mundo e se identifica no meio em que está inserida. Podem ser citadas também, outras concepções de identidade.

1º: pode ser apresentada como tendo a sua origem na apercepção de características pessoais e permite que este indivíduo alcance a crença de que seja diferente doutros em alguns aspectos; 2º: possibilidade que qualquer sujeito tem de distinguir, na sua autoapresentação simbólica, a existência de diversas dimensões, isto é, das variadas formas de identidade por ele apresentadas ao se inserir em grupos, coletividades e processos sociais; 3º: constitui-se com base em crenças auto descritivas e auto avaliativas, as quais lhe conferem um carácter dinâmico que permite mudanças:

4º: este sistema de crenças contribui para o desenvolvimento da personalidade e da conduta dos indivíduos. (KRUGUER apud ROQUE; MAGALHÃES, 2007, p. 1)

O processo de socialização é fundamental para a construção da identidade, onde o indivíduo interage, modifica e internaliza ações que são desenvolvidas por pessoas que influenciam e são influenciadas a todo o momento. Sendo assim a identidade não é algo imutável, mas sim flexível que pode ser modificada de acordo com as variações sociais em que o indivíduo vive.

Segundo Roque; Magalhães; Marques (2007), a Psicologia Social estabeleceu uma divisão entre:

- Identidade pessoal: dirige-se a características individuais, a particularidade de cada ser. Pode ser identificada por características simples como, uma gesticulação pessoal, gosto por determinada cor, comida, objeto. São particularidades que definem o sujeito, que o faz ser conhecido e reconhecido pelos outros.

- Identidade social: compreende a condição do sujeito se perceber membro de um grupo, de modo a também incluir na sua configuração, a valorização e significância emocional desta pertença. Assim, é associada a grupos dos quais o indivíduo participa, como conjuntos de referência onde não houvesse a inclusão do mesmo. Trata-se da capacidade do indivíduo de se adaptar e seguir as normas que são regidas por uma sociedade.

A identidade infantil é construída através da relação que é estabelecida com o meio social. Primeiramente com o nome, que é o primeiro passo para sua identificação, posteriormente com características físicas, que o diferem dos demais, seu modo de pensar, agir, preferências e gostos. A construção da identidade é influenciada pelas interações que são realizadas com familiares, colegas, amigos, conhecidos, além de outras vivências que possibilitam a obtenção de crenças, valores e costumes, transmitidos pela sociedade. Inicia-se assim o processo de identificação com o meio, onde a criança não somente reconhece, mas também reflete sobre sua cultura, seus modos, seus costumes. Essa identificação acontece também do modo como é visto pelos outros, como suas características são aceitas por seu professor, seus colegas e pelo grupo. Dependendo da maneira que isso acontece pode afetar diretamente a autoestima, pois a construção da identidade ainda está em desenvolvimento. Por isso é importante estabelecer uma clareza em relação à diferença e à diversidade que constitui o ser humano e a sociedade. Juntamente com o desenvolvimento da identidade está a conquista da autonomia.

As crianças vão, gradualmente, percebendo-se e percebendo os outros como diferentes, permitindo que possam acionar seus próprios recursos, o que representa uma condição essencial para o desenvolvimento da autonomia. (BRASIL, 1998, p.13)

Segundo o Novo Aurélio (1999, p. 236) autonomia pode ser definida como: “1- Faculdade de governar por si mesmo. 2- Direito ou faculdade de se reger (uma nação) por leis próprias. 3- Liberdade ou independência moral ou intelectual. 4 – Propriedade pela qual o homem pretende poder escolher as leis que regem sua conduta”.

A autonomia definida como capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro, é nessa faixa etária, mais do que um objetivo a ser alcançado com as crianças, um princípio das ações educativas. (BRASIL, 1998, p. 14)

Para atingir sua maturação a criança passa por fases denominadas anomia, heteronomia e autonomia. São vários os fatores que influenciam a construção de autonomia da criança. Segundo o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998), ao nascer ela se sente em fusão com a mãe, como se fosse uma parte dela, assim muitas vezes se sente frustrada por não ser atendida imediatamente. Essa fase é denominada anomia, e dura aproximadamente do nascimento até os cinco ou seis anos de idade onde a criança não possui noção de regras, ela pode até segui-las, mas não as compreende, agindo assim por impulso e não pela razão. Devido a essa dificuldade de compreensão, muitas vezes é necessário que o adulto faça uso da repetição para que as crianças executem determinadas ações, exigindo assim paciência, compreensão e cuidado por parte dos adultos.

Essas experiências de frustração, quando inseridas num clima de afeto e atenção, podem constituir-se em fatores importantes de desenvolvimento pessoal, já que explicitam divergências e desencontros, momentos favoráveis à diferenciação entre eu e o outro. (BRASIL, 1998, p. 15)

Posteriormente está a heteronomia, que se estende dos seis até os nove ou dez anos, onde a criança segue regras que não são delas, mas que são estabelecidas pelos adultos. Nessa fase a criança acredita que determinada ação é correta simplesmente porque é realizada por um maior. Existe um grande respeito unilateral da criança para com o adulto. Ocorre uma facilidade maior de internalização das orientações e pouco questionamento. Nessa fase as crianças têm como base as ações realizadas pelos adultos. E não têm uma visão do que é certo ou errado, pois ainda não é capaz de realizar um julgamento moral das ações realizadas pelo outro. Sendo assim as regras estabelecidas em seu meio social são indiscutíveis.

A partir desse respeito unilateral desenvolve-se a primeira moral da criança: a moral dependente da vontade do adulto que é a fonte de todo o saber, que é a autoridade superior, que é o juiz do certo e do errado. Essa moral dependente de uma vontade exterior à criança chama-se moral heterônoma. (PILLETI, 2003, p.239)

Por fim, está a autonomia onde a criança percebe que as regras circunstancialmente podem ser questionadas e até mesmo mudadas, tornando-se capaz de tomar suas próprias decisões. Torna-se capaz de resolver situações cotidianas que são apresentadas, fazendo uso do conhecimento já adquirido e descobrindo novos meios e métodos que são utilizados para resolver determinadas situações, construindo sua identidade e iniciando o desenvolvimento da sua autonomia de forma gradativa.

A moral baseada em valores dos adultos só poderá ser superada à medida que o respeito unilateral da criança para com o adulto for substituído pelo respeito mútuo. Isso tende a acontecer no período seguinte, depois dos sete anos, quando ocorre a formação de grupos infantis, baseados no respeito entre companheiros. Surgirá, então, a chamada moral autônoma, ou seja, a moral que resulta de regras estabelecidas pelo grupo de comum acordo. (PILLETI, 2003, p.239)

Sendo assim as crianças não devem ser julgadas segundo as regras dos adultos, pois seu desenvolvimento acontece em diferentes estágios. E suas ações dependem do grau de maturidade já alcançado. A maturidade está diretamente relacionada com o desenvolvimento da autonomia, pois trata-se do pleno desenvolvimento comportamental do indivíduo.

Pilleti (2003) nos fala de três aspectos de desenvolvimento da maturidade que são ligados ao processo de construção da autonomia:

- A maturidade intelectual refere-se ao desenvolvimento da inteligência, ou seja, do conhecimento que a pessoa tem de si mesma e do mundo que a cerca.
- Maturidade social, preocupada apenas consigo mesma, a criança passa a abranger um número crescente de pessoas em suas relações; deixa de brincar apenas sozinha para brincar também com os outros.
- Maturidade emocional está diretamente ligada ao desenvolvimento dos sentimentos básicos expressados pela criança de amor, ódio, raiva, medo, prazer, desprazer e outros. Com o desenvolvimento a pessoa vai aprendendo a reconhecer suas emoções, a aceitá-las, e a não deixar que prejudiquem outras pessoas e nem a si mesma.

Escola, pais, professores e todos os que possuem contato significativo com a criança podem auxiliar o desenvolvimento infantil. Os adultos devem incentivar para que estas atinjam sua autonomia intelectual, social e emocional, e para isso é preciso ter consciência

que fazer tudo pela criança. Caso contrário não agregará nada em seu desenvolvimento, apenas o inibirá dificultando a conquista da autonomia.

São vários os fatores que influenciam o comportamento do indivíduo e sua formação acontece de maneira gradativa. Alguns autores nos falam do desenvolvimento da criança em seus mais diversos aspectos e perspectivas. É o que será visto no capítulo a seguir.

3 PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Ao se falar do desenvolvimento da identidade e autonomia é importante citar as ideias defendidas por Jean Piaget e Lev Vygotsky pioneiros em estudos nessa área. Ambos apresentam uma tendência construtivista.

A maturação, as experiências físicas, as relações sociais e culturais e o equilíbrio fazem parte da teoria de Piaget que, assim como Vygotsky, enfatiza o aspecto interacionista. Vygotsky considera que é no plano intersubjetivo, isto é, na troca entre pessoas, que está a origem das funções mentais superiores. Serão abordadas nesse capítulo, também, situações cotidianas vivenciadas pelas crianças que auxiliam, de maneira significativa, esse processo, tais como sexualidade, aprendizagem, imitação, brincar, e linguagem.

3.1 Jean Piaget e o desenvolvimento da identidade e autonomia

Segundo Piaget (1995), todo indivíduo passa por determinadas fases de desenvolvimento, cada fase é caracterizada por aquilo que a criança consegue realizar de maneira mais eficaz, porém esse desenvolvimento muda de acordo com os fatores externos, podendo variar assim de indivíduo para indivíduo.

O período inicial é denominado de sensório- motor (0 a 2 anos) que é de grande importância para o desenvolvimento humano, pois é neste momento que a criança inicia os primeiros contatos com o mundo exterior. Através de movimentos que vão desde sugar ou mamar, até ações mais complexas como sentar, andar e engatinhar. É neste ponto que ela começa a fazer seus primeiros raciocínios e é quando seu desenvolvimento físico- motor é mais evidente. Inicia-se assim o processo de diferenciação e socialização do indivíduo com o ambiente.

Nesse período a criança faz o reconhecimento do próprio corpo, e ocorre o processo de diferenciação da mãe, pois antes para o ser, ambos era um só. Nessa fase é muito importante que a criança se olhe no espelho e perceba seu corpo, suas características físicas, se percebendo semelhante ou diferente do outro, evidenciando assim sua identidade. Nessa fase são importantes brincadeiras que evidenciem o reconhecimento do corpo da criança, como exemplo: cabeça, ombro, joelho e pé; cadê a barriguinha do neném; entre outras. Ocorre também o início da locomoção, onde a criança tem a possibilidade de se movimentar e interagir com objetos, tendo atitudes mais autônomas em relação ao meio.

No curto espaço de tempo deste período, por volta dos 2 anos, a criança evolui de uma atitude passiva em relação ao ambiente e às pessoas de seu mundo, para uma atitude ativa e participativa. Sua integração com o ambiente dá-se também pela imitação de regras. E embora compreenda algumas palavras, mesmo só no final do período é capaz de fala imitativa. (PIAGET, 1985 apud BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001, p. 101)

Em seguida inicia-se o período pré-operatório (1ª infância – 2 a 7 anos) Este período é tão importante quanto o primeiro, pois é nele que acontece o aparecimento da linguagem, que irá trazer várias oportunidades para a criança, pois possibilita uma comunicação mais imediata com o seu meio. A partir daí fica mais fácil a criança exteriorizar seus sentimentos e frustrações. Porém é necessário certo discernimento para interpretar a criança nessa fase, pois na maioria das vezes ela faz uso da imitação para se comunicar, sem ao menos saber o real significado da palavra. Nesse período ocorre também a aceleração do pensamento. A criança começa a ter entendimento de valores como o ato de respeitar os mais velhos, havendo assim uma mistura de temor e amor. A partir daí ela começa a selecionar valores que norteiam suas ações.

Com o aparecimento da linguagem, as condutas são profundamente modificadas no aspecto afetivo e no intelectual. Além de todas as ações reais ou materiais que é capaz de efetuar, como no curso do período precedente, a criança torna-se, graças à linguagem, capaz de reconstituir suas ações passadas sob formas de narrativas e de antecipar suas ações futuras pela representação verbal. (PIAGET, 1995, p. 24)

Posteriormente surge o período das operações concretas (a infância de 7 a 12 anos) que como o próprio nome diz está diretamente relacionado com as ações concretas que o indivíduo começa a realizar, é deixada de lado a imitação e iniciam-se atitudes mais lógicas e elaboradas. O egocentrismo que se trata da criança não conseguir se colocar no lugar do outro e o “eu” ser sempre o centro das coisas é superado neste período. Piaget (1995, p.41) nos diz que “Do ponto de vista das relações interindividuais a criança, depois dos sete anos, torna-se capaz de cooperar, porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com os dos outros...” Ou seja, sua operação possui uma ligação direta entre ação física e mental, e a mesma é realizada para atingir um determinado objetivo.

O último é o período das operações formais (11 ou 12 anos em diante). Nesta fase já não é mais necessário ter o concreto para pensar ou executar ação. O abstrato passa a fazer parte da vida do indivíduo que consegue lidar com conceitos como paz, amor, justiça. A adolescência é um fato marcante, é sinônimo de conflitos pessoais e sociais.

Este momento é um marco para a construção da identidade e a conquista da autonomia do indivíduo. O outro, que antes era ponto de referência, passa a ser visto de maneira igualitária,

pois o adolescente agora tem mais consciência do seu agir e de suas características pessoais que o diferem do restante das pessoas.

Desenvolvimento da capacidade de construir sistemas e teorias abstratas para formar e entender conceitos abstratos como conceitos de amor, justiça, democracia, etc., do pensamento concreto sobre coisas passa para o pensamento 'hipotético-dedutivo', isto é o indivíduo se torna capaz de chegar a conclusões a partir de hipóteses; se A é maior que B e B maior que C, A é maior que C. (PIAGET, 1995 apud PILLET, 2003, p.210)

Piaget (apud BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001) nos fala também de quatro aspectos de desenvolvimento. Primeiramente nos fala do aspecto físico-motor que se refere ao crescimento orgânico à capacidade de manipulação de objetos e de exercício do próprio corpo, ou seja, a capacidade da criança de conseguir, sem a ajuda de terceiros, manipular seus pertences, executar ações utilizando o seu próprio corpo. Trata-se de ações simples como andar, correr, pegar um brinquedo, se alimentar sozinha, entre outros movimentos.

Também é citado o aspecto intelectual que, segundo Piaget (apud BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001, p.100) se define como "A capacidade de pensamento, raciocínio". Sendo assim se trata do pensamento da criança que provém de sua ação, ou seja, primeiro a criança pensa age e depois internaliza a ação desenvolvendo o seu pensamento, levando em consideração o que quero fazer, como vou fazer e se devo fazer.

Posteriormente é abordado o aspecto afetivo-emocional que é o modo particular de o indivíduo integrar as suas experiências, o modo como ele internaliza as suas vivências, os seus momentos de alegria, tristeza, frustrações, raivas, satisfação. Tudo isso está diretamente ligado ao aspecto afetivo-emocional. E para finalizar é apontado o aspecto-social que segundo Piaget (apud BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001, p.100) "[...] é a maneira como o indivíduo reage diante das situações que envolvem outras pessoas".

O desenvolvimento da criança está diretamente ligado ao meio social, pois muitas de suas ações estão influenciadas pelo meio cultural em que está inserida. Tudo depende de como a criança absorve tudo o que lhe é passado.

Todas as teorias do desenvolvimento humano partem do pressuposto de que esses quatro aspectos são indissociados, mas elas podem enfatizar aspectos diferentes, isto é, estudar o desenvolvimento global a partir da ênfase em um dos aspectos. (PIAGET, 1985 apud BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001, p. 101)

Piaget (apud BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001), na formação do indivíduo os aspectos físicos- motor, intelectual, afetivo-emocional e social são indissociáveis. Um complementa o outro, pois todos estes aspectos relacionam-se permanentemente. Na

formação da criança, se um desses aspectos é afetado seja de forma positiva ou negativa, conseqüentemente os outros acabam atingidos, marcando de forma significativa a construção da identidade e autonomia do indivíduo.

3.2 Lev Vygotsky e a construção da identidade e conquista da autonomia

Vygotsky (apud BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001) não via o homem como um ser ativo e não passivo, que simplesmente absorve as ações sociais, mas sim como aquele que participa, absorve e modifica essas ações. Sendo assim o desenvolvimento do homem e sua inserção histórica caminham juntos. A interação com um adulto é de grande importância para a criança desde o seu nascimento. Os seus primeiros impulsos acontecem de maneira natural seguindo sua herança biológica. Posteriormente devido a sua interação com o outro se iniciam os processos interpsíquicos que dependem da relação entre criança e o outro. Com o crescimento do indivíduo, o agir passa a ser executado seguindo suas próprias vontades o que é denominado como processos intrapsíquicos. O desenvolvimento está estruturado sobre o plano das interações sociais. Todo o querer inicial da criança depende da interpretação que o adulto faz, seja dos seus gestos ou da sua verbalização.

Na obra *Educação Infantil: pra que te quero?* Craidy e Kaercher (2001), afirmam que Vygotsky aponta que a criança apresenta em seu processo de desenvolvimento um nível que ele chamou de real e outro potencial.

O nível de desenvolvimento real é que aquele onde a criança consegue realizar determinadas tarefas sozinha, sem a ajuda de terceiros, sendo assim ela já alcançou um determinado nível de desenvolvimento. Este marco é muito importante para a criança, pois ela percebe a sua real capacidade, conquistando uma certa autonomia.

Já no nível de desenvolvimento potencial, a criança consegue realizar determinadas tarefas, porém isto é feito somente com a ajuda de terceiros.

Há atividades que a criança não é capaz de realizar sozinha, mas poderá conseguir caso alguém lhe dê explicações, demonstrando como fazer. Essa possibilidade de alteração no desempenho de uma pessoa pela interferência da outra é fundamental para Vygotsky. (CRAIDY, 2001, p. 29)

Vygotsky apud Craidy (2001) também cita uma zona de desenvolvimento que é denominado como Zona de Desenvolvimento Proximal, (ZDP) que nada mais é do que o intervalo entre o nível de desenvolvimento potencial e o nível de desenvolvimento real. Ou seja, é o caminho percorrido pela criança entre estes dois níveis, que vai do momento em que

a criança ainda depende de ajuda ao momento em que ela já consolidou a capacidade de agir sozinha.

Para Vygotsky é justamente na ZDP que se pode produzir o aparecimento de novas maneiras de pensar e onde, graças à ajuda de outras pessoas, pode desencadear-se o processo de modificação de esquemas de conhecimentos que se tem, construindo-se novos saberes estabelecidos pela aprendizagem escolar. Recebendo intervenções pertinentes nesse espaço, a mente humana pode, em outras e novas oportunidades, desenvolver esse mesmo esquema de procedimentos de maneira autônoma. (VYGOTSKY, 1996 apud ANTUNES, 2002, p. 28-29)

Este nível é de grande importância para a criança, pois evidencia um desenvolvimento avançado na maturação infantil. É ele que abre caminho para que o que hoje a criança consegue realizar com a ajuda do outro, futuramente será realizado de maneira autônoma.

Sendo assim a relação com o outro é fundamental para o desenvolvimento do sujeito. Toda sua construção está ligada ao convívio social que ele possui, suas vivências e experiências. É importante destacar que tal desenvolvimento não acontece de uma hora para outra, mas sim de forma gradativa, respeitando a particularidade de cada indivíduo.

3.3 Expressões da sexualidade

A sexualidade, ainda nos dias de hoje, é um assunto polêmico a ser discutido, principalmente quando relacionado às crianças. Isso acontece devido à maneira equivocada com que o tema é entendido. A sexualidade infantil se relaciona com o prazer, necessidade fundamental para os seres humanos. A relação das crianças com o prazer se manifesta de forma diferente do adulto. Freud (1973) cita algumas fases como: oral, anal e fálica. E suas manifestações ocorrem de maneira distinta seguindo as fases da vida, que permitem a exploração e reconhecimento do próprio corpo.

A boca é onde ocorrem às primeiras manifestações de prazer, é por ela que a criança começa a provar e a conhecer o mundo, seja no ato de sugar ou mamar, levar à boca determinados objetos ou até mesmo partes do seu corpo. É aí que as identificações começam a se estabelecer. A criança primeiramente estabelece uma relação com o seio da mãe, que posteriormente dará lugar a outros objetos, permitindo o relacionamento com o mundo externo. Ao mamar o bebê está introjetando, além do leite, um mundo, valores e crenças, que contribuirão de forma significativa na construção de sua identidade. Essa fase, segundo Freud (1973), é chamada de oral.

Aqui a atividade sexual ainda não se separou da ingestão de alimentos, nem são correntes opostas dentro da atividade diferenciada. O objeto de ambas as atividades é o mesmo: o objetivo sexual consiste na incorporação do objeto, o protótipo de um processo que, sob a forma de identificação, deverá desempenhar mais tarde um importante papel psicológico. (FREUD, 1973, p. 94)

Na fase anal, do controle esfínteriano tudo que está relacionado à eliminação/controla ganha importância, pois a criança percebe quais os efeitos que tais eliminações causam aos adultos. A partir daí a criança internaliza conceitos como “bonito” ou feio”. A fase anal mostra as primeiras produções da criança. O “cocô” é simbólico e se trata da primeira relação de troca com o mundo.

Primeiramente desenvolve-se o sentimento de que a criança tem coisas suas, coisas que ela pode ofertar ao mundo ou negar ao mundo. Ao nível mais imediato, poderemos perceber isso no andar ou no falar. Só anda quando está bem; se chega um estranho, volta a engatinhar em busca da mãe. Fala, mas só o faz se sente que é aceita. Quando assustada, emudece, negando seu produto ‘fala’ ao ambiente que a rejeita ou ataca. (RAPPAPORTI, FIORI, DAVIS, 2001, p. 39)

Este período é denominado fase anal, pois a zona de prazer passa a ser a zona erógena anal. As fezes têm grande representação simbólica, pois a criança escolhe entre a projeção e o controle, ou seja, o que quero fazer e o que não quero. Conquistando uma certa autonomia, além de se tratar dos primeiros produtos realizados pela criança, são objetos que vêm do próprio corpo, marcando assim sua identidade.

Na fase fálica o prazer é derivado da estimulação genital e fantasias associadas. Nesse momento ocorre o complexo de Édipo, onde o filho tende a se “apaixonar” pela mãe e a filha pelo pai. Isso acontece devido à identificação de papéis, o menino tende a se identificar com o papel do pai, e a menina com o papel da mãe, ou vice-versa, ocorrendo assim a determinação de gêneros.

A curiosidade é bastante intensa neste período. A criança procura conhecer não somente seu próprio corpo, mas também o de outras pessoas, sendo explorado em diversos momentos como na hora do banho, em brincadeiras de médico, etc.

Outra consequência que decorre do controle esfínteriano é o favorecimento da exploração dos órgãos genitais antes escondidos pelas fraldas. Aumenta a curiosidade por seus próprios órgãos, podendo entregar-se a manipulações por meio das quais pesquisam as sensações e o prazer que produzem. (BRASIL, 1998, p. 18)

A fase fálica é de grande importância para a diferenciação do ser, pois ocorre a percepção do sexo oposto e quais as características que o fazem ser diferente. O desenvolvimento sexual é diretamente influenciado pelo meio cultural em que o ser está

inserido. A recepção que o adulto faz sobre a exploração e jogos sexuais das crianças podem suscitar diferentes reações desde o exibicionismo até o retraimento e culpa.

Segundo o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998), tanto nas famílias como na instituição, as pesquisas sexuais das crianças mobilizam valores, crenças e conteúdo dos adultos, num processo que nem sempre é fácil de ser vivido. Isso ocorre justamente por não ser entendido que tal desenvolvimento faz parte da vida da criança e não se trata de nada fora do normal.

A separação de gênero também é muito importante na construção da identidade, trata-se de uma questão cultural, pois até mesmo antes de nascer, observa-se questionamentos sobre o bebê, se nascerá uma menina ou um menino. Por volta dos 5 e 6 anos as crianças apresentam curiosidade sobre a separação de gênero que posteriormente se torna papel central no processo de construção da identidade. Nesse momento inicia-se uma separação espontânea entre meninos e meninas. “Clube do Bolinha e da Luluzinha”.

O Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998) diz que a estrutura familiar na qual se insere a criança fornece-lhe importantes referências para sua representação quanto aos papéis de homem e mulher. Neste caso fica evidenciada a influência que a cultura possui sobre a construção da identidade e conquista da autonomia.

3.4 Imitação

Desde pequenas as crianças possuem o “instinto” de reproduzir as ações dos adultos. Isso ocorre porque seus atos são reflexos do que é vivenciado no seu meio social. A imitação é a primeira forma de expressão que a criança possui e demonstra a capacidade de observar e aprender com os outros, porém é necessário que em determinado momento a criança se diferencie e construa sua própria identidade.

Imitando os papéis sociais a criança acaba construindo sua identidade, pois ela absorve do outro características, ações, ocorrendo uma reconstrução interna. As crianças tendem a observar os adultos, daí a importância do seu papel na vida do indivíduo. Segundo o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998, p.21) “A observação é uma das capacidades humanas que auxiliam as crianças a construírem um processo de diferenciação dos outros e conseqüentemente sua identidade”. Ou seja, a criança observa, reproduz e posteriormente absorve características, ações, pertinentes à construção da sua identidade.

3.5 O ato de Brincar

O ato de brincar está muito presente na educação infantil. Segundo o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998) brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia, pois a partir dela a criança tem a oportunidade de se expressar e até mesmo dramatizar todas suas vivências e sentimentos, além de desenvolver capacidades importantes como atenção, imitação, memória, imaginação, de se socializar por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

O faz de conta está muito presente nas brincadeiras infantis e é através dele que a criança recria o mundo em que vive, seguindo sua concepção, e com isso já demonstra características de sua formação pessoal e social, o que pode ser identificado através da observação do papel que ela desenvolve na brincadeira, a linguagem utilizada ou até mesmo como é conduzida.

O brincar é de grande importância para o desenvolvimento infantil. Nesse momento é necessário acompanhar as brincadeiras infantis, pois ainda não possuem maturidade suficiente para ficarem totalmente sozinhas, porém é necessário proporcionar a elas momentos em que possam se expressar e interagir com o mundo.

3.6 Oposição e linguagem

A oposição é outro recurso fundamental na construção do sujeito. Opor-se ao outro significa diferenciar-se, demonstrar suas ideias e desejos. A intensidade da oposição varia, dependendo da idade, das situações e da maturidade em que se encontra o sujeito. Opor-se então significa uma constante afirmação do eu.

A linguagem também é um grande marco na diferenciação do eu. Segundo o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998, p.24) “Por exemplo, a estabilização no uso do pronome “eu” em substituição pela forma usada pelos menores que costumam referir-se a si mesmo pelo próprio nome, conjugando o verbo na terceira pessoa – “fulano quer isso ou aquilo” - sugere a identificação da sua pessoa como uma perspectiva particular e única”, sendo assim um grande facilitador para a socialização. A linguagem adquirida pela criança está diretamente ligada ao meio cultural em que está inserida, podendo variar de região para região. Palavras adotadas por uma criança criada em uma comunidade indígena, por exemplo, podem não ser conhecidas por crianças de uma cidade grande. A linguagem possibilita que o

indivíduo entre em contato com realidades distantes da sua, basta que alguém lhe conte ou leia em livros.

O desenvolvimento da identidade e autonomia ocorre no decorrer das diferentes fases, momentos e situações da vida. São vários os fatores que contribuem e influenciam na formação do ser, o que acontece de forma gradativa, variando de criança para a criança. A escola é um espaço privilegiado para essa formação e o professor desempenha um papel primordial, é o que veremos no capítulo a seguir.

4 PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE E AUTONOMIA DA CRIANÇA

A construção da identidade e conquista da autonomia ocorre de maneira gradativa e o estímulo realizado pelo ambiente externo é de grande importância. O professor possui papel significativo nesse desenvolvimento e deve disponibilizar as situações facilitadoras para a formação global da criança.

Na educação Infantil ele é visto como um modelo a ser seguido. Ao assumir tal responsabilidade o educador deve ser facilitador do processo de aprendizagem, disponibilizando ferramentas adequadas, ouvindo seu aluno, estimulando sua interação com o meio para que possa construir sua identidade e conquistar sua autonomia através de saberes significativos.

É preciso, sobretudo e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 2013, p. 24, grifo do autor).

É papel da educação possibilitar que o sujeito possa, segundo Freire (2013, p. 19) “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar”. Ocorre aí a afirmação do “eu” e a construção da identidade do indivíduo.

É função do educador planejar, criar situações, dar suporte para que o aluno construa sua identidade e desenvolva sua autonomia, sendo capaz de resolver situações cotidianas e se perceber como ser agente e participativo do meio. O professor deve intervir sempre que julgar necessário, visando à construção da identidade e da autonomia intelectual e sócio-afetiva da criança que é construída diariamente. O trabalho do professor é essencial, mas de maneira alguma pode-se ignorar a importância da interação aluno-aluno.

O aluno não é um depósito de conhecimentos memorizados que não entende, como um fichário ou uma gaveta. O aluno é capaz de pensar, refletir, discutir, ter opiniões, participar, decidir o que quer e o que não quer. O aluno é gente, é ser humano, assim como o professor. (PILLET, 2003, p.79)

As trocas de experiências se fazem necessárias neste momento, pois é a partir delas que as crianças vão se descobrindo, criando sua identidade e conquistando sua autonomia. Através deste contato o aluno tem a possibilidade de interagir com alguém que mesmo sendo de sua idade possui vivências diferentes, podendo transmitir e adquirir novos conhecimentos.

“Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeitos no processo”. (FREIRE, 2013, p. 28). O professor deve dar a autonomia necessária para que o aluno se desenvolva. Em sala de aula é importante criar situações que propiciem tanto a autonomia intelectual quanto a afetivo-social, para que o aluno possa fazer suas escolhas e refletir sobre elas. Não basta apenas jogar conteúdo, é imprescindível criar discussões, para que as crianças possam expor suas opiniões, concordar ou discordar com/de seus colegas, construindo a sua identidade de forma gradativa.

Uma criança tem autonomia quando decide o que é certo ou errado, tanto moral como intelectualmente, sem se deixar influenciar pelo que os adultos proíbem ou aceitam em seu comportamento. A decisão sobre o que é falso ou verdadeiro surge do interior da própria criança e não da autoridade do professor. (BARROS, 1996, p. 33)

O professor deve levar para a sala de aula conceitos que possam ser trabalhados com seus alunos, e tragam um significado real para quem aprende e tenha significação em sua execução. O processo de formação de conceitos é fundamental para o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, é longo e complexo, envolve operações como: atenção, memória e lógica. Para aprender um conceito é necessário, além de informações recebidas do outro, uma intensa atividade cognitiva por parte da criança. A formação de conceitos se dá a partir de um ambiente desafiador, estimulante. A prática é o melhor método para se desenvolver a identidade e autonomia do aluno. Deixar que ele entre em contato com o real, que erre e aprenda com seus erros é fundamental para o seu desenvolvimento.

Quando falamos em aprender, entendemos buscar informações, rever a própria experiência, adquirir habilidades, adaptar-se a mudanças, descobrir significados nos seres, nos fatos, nos fenômenos e nos acontecimentos, modificar atitudes e comportamentos. Atividades todas que apontam para o aprendiz como agente principal e responsável pela sua aprendizagem. Elas estão centradas no aprendiz (aluno), em suas capacidades, possibilidades, necessidades, oportunidades e condições para que aprenda. (KULLOK, 2002, p. 12)

Trata-se de um equívoco atribuir à escola o caráter de ensinar apenas conteúdos científicos. A escola vai muito além, pois se trata de um espaço de socialização que permite o contato da criança com as mais diversas culturas. Segundo Vygotsky apud Rego (1995, p. 76), “Como membro de um grupo sócio-cultural determinado, ela vivencia um conjunto de experiências e opera sobre todo o material cultural (conceitos, valores, ideias, objetos concretos concepção de mundo etc.) a que tem acesso.

A escola não só intervém na transmissão do saber científico organizado culturalmente, como influi em todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individualização da criança, como o desenvolvimento das relações afetivas, a habilidade de participar em situações sociais, a aquisição de destrezas relacionadas com a competência comunicativa, o desenvolvimento do papel sexual, das condutas pró-sociais e da própria identidade pessoal (autoconceito, autoestima e autonomia). (CUBERO, 1995, p. 254)

Nas rodas de conversa que acontecem em sala de aula o professor possibilita ao aluno contar história sobre ele e ouvir a dos colegas o que auxilia no desenvolvimento da identidade. Quando o aluno está falando ele cria e especifica a visão que tem de si mesmo, e quando ouve faz assimilação sobre as semelhanças e diferenças sobre o eu e o outro. Com o reconhecimento das diferenças o professor assume uma importante função que é trabalhar o respeito com seus alunos, valor primordial para o estabelecimento de uma boa relação social. Segundo o Referencial Curricular Nacional (1998, p. 41) “O respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas”.

Trabalhar brincadeiras e jogos na educação infantil que tem como objetivo a interação, a cooperação e a distinção são essenciais para a contribuição do desenvolvimento da identidade. E para isso o professor deve estar sempre atento para inserir tais atividades de maneira correta, oferecendo um ambiente seguro e confortável e avaliando e acompanhado constantemente as capacidades da turma.

A construção da identidade e conquista da autonomia pelas crianças são processos que demandam tempo e respeito às suas características individuais. Nessa medida, algumas atividades propostas de forma sequenciada podem ajudá-las nesse processo. Considerando-se que são muitas as possibilidades de trabalho que envolvem este eixo, pois estão associadas às diversas características pessoais, culturais e sociais dos grupos de crianças, pensar nas sequências de atividades implica planejar experiências que se organizam em etapas diferenciadas e com graus de dificuldades diversos. (BRASIL, 1998, p. 63)

Desenvolver atividades em torno do nome e da história pessoal do aluno, assim como as partes do seu corpo, suas simetrias e dissemelhanças, possibilita o seu autoconhecimento e percepção de suas características marcantes. Trabalhar com o espelho, onde o aluno tem a oportunidade de se ver e se identificar, também é muito importante, e para isso o professor deve estimular o aluno e instigá-lo a reconhecer suas características.

O espelho é um importante instrumento para a construção da identidade. Por meio das brincadeiras que faz em frente a ele, a criança começa a reconhecer sua imagem e as características físicas que integram a sua pessoa. É aconselhável que se coloque na sala, um espelho grande o suficiente para que várias crianças possam se ver de corpo inteiro e brincar em frente a ele. (BRASIL, 1998, p. 33)

O faz de conta auxilia de forma significativa no desenvolvimento da criança, pois possibilita que ela exercite sua imaginação e reproduza ações vivenciadas em seu cotidiano, além de possibilitar a interação com outras crianças e as representações de papéis. Esse processo é de grande importância para o desenvolvimento da identidade, pois tudo o que é reproduzido pela criança nessa brincadeira, foi concebido anteriormente, em situações vivenciadas por ela.

O professor pode propiciar situações para que as crianças imitem ações que representam diferentes pessoas, personagens ou animais, reproduzindo ambientes como casinha, trem, postos de gasolina, fazenda, etc. Esses ambientes devem favorecer a interação com uma ou mais crianças compartilhando um mesmo objeto, tal como empurrar o berço como se fosse um meio de transporte, levar bonecas para passear ou dar de mamar, cuidar de cachorrinhos etc. (BRASIL, 1998, p. 31)

Ao se falar de autonomia o professor deve criar situações constantemente no dia a dia das crianças, para possibilitar a sua conquista. Deixar que os alunos realizem atividades simples como amarrar seu cadarço, abrir seu lanche, colar sua própria atividade, ir ao banheiro sozinho, faz com que se sintam mais seguros e capazes. Este desenvolvimento é importante, pois permite um amadurecimento no pensamento do indivíduo.

No dia a dia da instituição pode parecer mais fácil que o adulto centralize todas as decisões, definindo o que e como fazer, com quem e quando. Essa centralização pode resultar, contudo, num ambiente autoritário em que não há espaço para o exercício da ação autônoma. Oferecer condições para que as crianças, conforme os recursos de que dispõem, dirijam por si mesmas suas ações, propicia o desenvolvimento de um senso de responsabilidade. (BRASIL, 1998, p. 39)

Contudo é importante também trabalhar com jogos tanto de construção que permite à criança realizar uma sequência de pensamento, assim como os jogos simbólicos onde é realizada a representação de papéis sociais e ela tem a oportunidade de agir como se fosse de verdade. O professor deve sempre intervir, quando necessário, orientando seu aluno a representar de maneira correta. Deve realizar atividades também que envolvam responsabilidade, iniciativa e ação e que lhe permitam conquistar sua autonomia de forma gradativa.

Como atividade social específica, ainda, a brincadeira é partilhada pelas crianças, supondo um sistema de comunicação e interpretação da realidade que vai sendo negociado passo a passo pelos pares à medida que este se desenrola. Da mesma forma, implica uma atividade consciente e não evasiva, onde cada gesto significativo, cada uso de objetos implica na (re) elaboração constante das hipóteses sobre a realidade com as quais se está confrontando. (WAJSKOP, 2001, p. 29)

O trabalho com os cuidados pessoais também se faz muito importante nesse momento. O professor deve orientar seus alunos a cuidarem do seu corpo e permitir que realizem

atividades como escovar os dentes, usar o sanitário, alimentar-se, lavar as mãos. São atividades básicas da vida diária que precisam ser desenvolvidas para que os alunos possam compreender a importância de cuidar do próprio corpo e tenham a oportunidade de realizar movimentos, manusear objetos, ações essas que contribuem para a conquista da autonomia. Porém é importante ressaltar que o professor deve estar sempre orientando e monitorando tais atividades, pois quanto menores as crianças mais precisam da ajuda de um adulto. Segundo o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998, p.50), “É importante estar próximo das crianças, amparando-as, orientando-as e sugerindo formas de lidar com os desafios corporais.”

O professor deve trabalhar também atividades que envolvam as preferências das crianças. E para isso o professor deve permitir que seus alunos expressem seus gostos e façam suas escolhas em determinados momentos como: escolher uma cor de tinta, um desenho, uma figura, um objeto. Nessa ocasião a criança tem a oportunidade de ir conquistando sua autonomia, fazendo suas próprias escolhas.

Escolhas mais diretas logo se tornam possíveis, tais como as que se referem aos objetos com os quais brincar ou aos companheiros com quem interagir. Mas essas escolhas, também, dependem muito da maneira como o adulto organiza a rotina e dispõe o ambiente. Nesse sentido, a organização do espaço é um procedimento recomendado para que as crianças disponham de várias alternativas de ação e de parceiros. (BRASIL, 1998, p. 31)

A linguagem sem dúvida é um marco importante na conquista da autonomia, pois através dela a criança possui mais clareza em suas comunicações, possibilitando uma troca constante de experiências com seus colegas e professores. Em sala de aula deve ser estimulado o seu desenvolvimento, através de atividades que possibilitem ao aluno dramatizar e relatar situações, além de músicas e histórias que enriqueçam o seu vocabulário. É muito importante também que o professor sempre ouça e respeite as falas dos seus alunos, para que estes se sintam confiantes para se expressarem.

É na interação social que as crianças são inseridas na linguagem, compartilhando significados e sendo significados pelo outro. Cada língua carrega, em sua estrutura, um jeito próprio de ver e compreender o mundo, o qual se relaciona com características de culturas e grupos sociais singulares. (BRASIL, 1998, p. 24)

Todo este trabalho realizado pelo professor da educação infantil é importante, pois a criança quando ganha responsabilidades ou se imagina desempenhando tarefas desenvolvem a identidade, a independência, a autonomia e as habilidades motoras, organização do

pensamento lógico o que facilita e auxilia na sua aprendizagem acadêmica que ocorrerá posteriormente.

5 CONCLUSÃO

Como resultado dessa pesquisa entende-se que são vários os fatores que influenciam no desenvolvimento da identidade e conquista da autonomia, quanto de maneira interna ou externa. As pessoas com quem se relaciona, o meio em que está inserido, tudo está diretamente ligado a este desenvolvimento.

É importante citar que tal processo acontece de forma gradativa, através de vários aspectos e etapas. O desenvolvimento da identidade é de grande importância para a formação do indivíduo, para que se tornem seres confiantes, capazes e agentes da construção de sua própria história. A conquista da autonomia acontece quando o indivíduo se torna responsável e consciente de suas próprias ações, e age seguindo seus próprios preceitos.

São vários os momentos que favorecem o desenvolvimento da identidade e conquista da autonomia da criança, nas brincadeiras, no faz de conta, através dos jogos e imitações, nas expressões da sexualidade. São situações onde a criança tem a oportunidade de enriquecer sua formação pessoal e social.

O relacionamento com o outro, os estímulos estabelecidos com o meio social são experiências essenciais para o desenvolvimento infantil. Através do processo de socialização a criança tem a oportunidade de trocar experiências, o que contribui de maneira significativa para a sua formação. Tal processo é fundamental para a construção da identidade e é onde o indivíduo interage, modifica e internaliza ações que são desenvolvidas por pessoas que influenciam e são influenciadas a todo o momento.

Através do contato com o ambiente externo a criança torna-se capaz de resolver situações cotidianas que são apresentadas, fazendo uso do conhecimento já adquirido e descobrindo novos meios e métodos que são utilizados para resolver determinadas situações que são encontradas no dia a dia conquistando assim sua autonomia.

A escola é espaço privilegiado para a socialização e desenvolvimento infantil, e o professor desempenha papel primordial nesse processo. É ele o responsável por criar situações, disponibilizar ferramentas, e mediar a interação da criança com o meio, fazendo com que ela desenvolva sua identidade e conquiste sua autonomia de maneira gradativa.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **A alfabetização moral em sala de aula e em casa, do nascimento aos doze anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- ANTUNES, Celso. **Vygotsky, quem diria?** Em minha sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BARROS, Célia Silva Guimarães. **Psicologia e Construtivismo**. São Paulo: Ática, 1996, p. 28 – 35; 112-126.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva 2001. p. 100-204.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 22-37.
- CUBERO, Rosario; MORENO, M^a Carmen. Relações sociais nos anos escolares: família, escola, companheiros. In: COLL, Cesar; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Alvaro. **Desenvolvimento Psicologia e Educação: psicologia evolutiva**. Tradução Marcos Domingues. Porto Alegre: Artmed, 1995. cap. 13, p. 178 – 189. (Vol. 1)
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio: O dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.p.236.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. p. 11-21.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1973, p. 93 -96.
- KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação professor – aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: Edufal, 2002.p.1-12
- LAKATOS, Eva Maria ; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnica de pesquisa**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1996. p. 66.
- LAPLANCHE,J; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise** .Santos:LTDA,1970. p.295.
- NOGUEIRA, Ana Lucia Horta. **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2001. p.151 -153.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.13-65.
- PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Ática, 2003. p.200-210.

RAPPAPORT, Clara Regina; FLORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. **Teorias do desenvolvimento**: conceitos fundamentais. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA, 2001.p.35-44. (Vol. 1)

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico- cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1998.p. 75-83.

ROQUE, Margarida; MAGALHÃES, Francisco; MARQUES, Bernardo. **Psicologia Social**. 2007. Disponível em: <<http://psicologiasocialfluporto.blogspot.com.br/2007/11/definies-do-termo-identidade-qualidade.html>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré- escola**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 19-38.